

CRÔNICA

Cláudio Ferreira • claudioferreira_64@hotmail.com



Deixem-me beber!

Tenho passado boa parte da vida adulta sofrendo uma espécie de bullying por causa da opção de não beber álcool. Num passado muito remoto, no auge dos meus 20 e poucos anos, vi muita gente beber excessivamente, acolhi muitos bêbados chatos no fim da noite e alguns deles vomitaram no meu carro. Tudo isso — somado ao sono que me dava o primeiro copo de cerveja — levou-me a desistir do álcool. Bebo muito esporadicamente, quando estou viajando, sem chance de dirigir e sem hora marcada no dia seguinte. Mesmo assim, é provar uma cerveja diferente ou um vinho especial e pronto.

Nunca enchi o saco de quem bebe — nem de quem fuma, nem de quem usa substâncias ilícitas, etc... Defendo a política do “cada um faz o que quer”, com o limite de não incomodar o cidadão mais próximo. Não tenho um discurso moralista sobre os males do excesso de álcool, não olho torto para quem vai alterando a voz proporcionalmente aos mililitros consumidos, até acho engraçadas algumas manifestações provocadas pela bebida.

O contrário, infelizmente, não é verdade. Já cansei de ser questionado sobre o porquê de não beber — com frases complementares como “você é tão legal...”. Em épocas festivas, como ano novo ou carnaval, os inquéritos aumentam, sempre com um ar de espanto sobre como eu consigo me divertir sem

ingerir álcool. Muitos se espantam quando lembro que, na juventude, passava 12 horas no desfile do Galo da Madrugada, em Recife: um sábado de carnaval regado apenas a água mineral.

Descobri, recentemente, uma expressão em inglês para esse bullying. “Sober shaming”, em tradução literal, seria algo como “humilhação dos sóbrios”. Nomeia o constrangimento por que passa quem decide reduzir ou parar de beber. Achei chique e agora sei que não estou sozinho.

Não sei do que as pessoas reclamam. Nessa época de Lei Seca, virei o “amigo da vez” oficial de vários grupos. Todos podem beber à vontade, sabem que têm alguém confiável no volante e, se precisar, até subo no apartamento para ajudar quem se exceder — só não



dou banho nos alcoolizados, aí já é demais.

Por falar em Lei Seca, não sei como sobrevivemos sem ela nas últimas décadas do século 20. Lembro perfeitamente que íamos para as festas em grupo, muitas vezes de carona e nem nos preocupávamos com o teor alcoólico do motorista na volta. Esse retorno até em casa, às vezes, custava caro.

Agora, o que mudou foi a repressão. Porque, infelizmente, na maioria das vezes, a preocupação não é com o ato de dirigir depois de beber. Ficar com sono, provocar um acidente, causar uma tragédia? Nada disso. O dilema maior é descobrir onde está a blitz. O primeiro a sair da festa avisa aos outros que é preciso fazer um caminho alternativo. O olho quase fechando não é um problema.

Novamente, não é

moralismo. É a proximidade daquele limite de incomodar o cidadão mais próximo, que pode estar no carro ao lado, em uma bicicleta ou a pé. Não quero nem imaginar qual seria a sensação de atropelar alguém estando sóbrio — quanto mais saber disso no dia seguinte, quando passar o efeito do álcool.

Sim, consigo me divertir sem uma gota de álcool. Até porque não existe uma fórmula única para a diversão. Posso passar a noite em uma mesa em que todos estejam bebendo: eu não controlo o consumo deles e eles me deixam com água, sucos e refrigerantes zero. Saímos todos satisfeitos, cada um com o tanque cheio do seu combustível preferido. Quem não tiver preconceito pode me convidar, sou uma boa companhia. Mesmo sem beber.